

CRISE ECOLÓGICA E SUBNUTRIÇÃO

Eduardo Viola

A realização deste simpósio sobre a fome é muito oportuna, engloba um caráter científico interdisciplinar e um conjunto de visões muito rico em informações no que se refere à ciência, tecnologia, política e sociedade.

Através do I Simpósio Contra a Fome foi possível abordar sob diversas vertentes os problemas da fome e alimentação. Sem dúvida, o simpósio é um canal muito útil para a concretização da potencialidade dos temas.

Lamento a falta de maiores ecos na população a esse evento; sentimos que falta à sociedade um esclarecimento e iniciativa de apoio para esse assunto.

Não ignoro os dois grandes eixos que abordam e explicam a fome, mas acredito que eles contribuem apenas parcialmente para o melhor entendimento dessa problemática.

O chamado eixo sociológico implica em questionar a má distribuição de renda como elemento causador da fome.

O eixo psicológico atribui a fome às deficiências mentais e organizativas por parte do homem no dia a dia.

São elementos que caminham juntos, e para que a fome seja diminuída será necessária uma revisão na riqueza distribuída na sociedade mundial.

Um elemento completa o outro, mas a questão fica restrita quando reduzida a esses dois pontos.

Podemos incluir nesse rol um terceiro elemento, esse mais abrangente, que é o eixo ecológico, ecossistêmico.

Analisando-se dessa maneira, observo que a fome passa ser produto de uma desordem global da biosfera, do planeta, e por isso assume proporções mais abrangentes como elemento problema.

Tal concepção é gerada através dos fatos que presenciado a cada dia: a fome aumen-

ta no século XX, um terço da população mundial encontra-se nesse estado, países que expandem seu processo consumista e materialista têm o processo de fome generalizada (por exemplo, Argentina, Chile e Uruguai).

Esses elementos ocorrem enquanto o sistema produtivo da escala planetária não se sustenta do ponto de vista social e ecológico. O que passam a surgir são nichos privilegiados, com minorias sendo beneficiadas em termos de alimentação, enquanto a grande maioria sente fome.

Comprova-se a dimensão planetária do problema da fome.

Agentes da fome

O que leva a essa concepção do problema, em escala planetária, são quatro fatores:

ARMAMENTISMO: A sociedade planetária tem o principal de seu parque científico, industrial e tecnológico voltado para a produção de armamentos, desconsiderando como prioridades produções mais úteis a ela própria.

CONSUMISMO MATERIALISTA: O desenfreado aumento do consumismo materialista tem contribuído para a pobreza espiritual, com um vazio profundo nessa sociedade. Essa expectativa de se consumir e ter cada vez mais os bens materiais tem incidência maior ou menor em determinadas regiões do planeta.

O grau de consumo de um norte-americano, por exemplo, é quase cem vezes maior do que o grau de consumo de um indiano ou nordestino. Apesar dessas diferenças quanto ao grau de consumismo, o desenfreado consumo materialista tornou-se um problema generalizado no planeta, assumindo proporções que afastam qualquer princípio de ideal, qualidade de vida, satis-

fação social, de resposta sobre o sentido da vida. É a criação de uma sociedade preocupada com a questão de status, esquecendo-se de suas necessidades vitais.

EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA: (Nesse ponto, refuto algumas considerações do professor Jorge Coelho durante a realização do I Simpósio. Acredito que a sua ótica em relação ao problema esteja um pouco reduzida e ingênua.) A explosão demográfica é um problema particularmente grave no Brasil; não há no mundo país que tenha a mesma proporção de menores abandonados por habitante como aqui. A tônica do problema reside no fato de que não há um acompanhamento correto ou ideal da relação "taxa de natalidade/local". Quando observo a alta taxa de natalidade na população rural, sei da necessidade do contingente populacional no campo para as famílias que dependem do esforço na terra.

Quando se observa a alta taxa de natalidade nas periferias urbanas, qual a explicação? Ai, sim, vejo que o problema agrava-se. A nível mundial, a produção de alimentos cresce. O que acontece é a sua distribuição desigual, o que não desafoga o problema frente a um enorme contingente populacional. O que dificulta mais a visão de uma solução para o problema é o fato de que a valorização da qualidade de vida por parte da população está vinculada ao fato de uma elevação em seu nível econômico e cultural, fator esse que está embutido no processo da queda da taxa de natalidade. Como o último fator é o primeiro para efeito da reversão dos valores atuais, e como a sua obtenção é muito difícil, o ideal para se melhorar a situação da fome através da explosão demográfica controlada parece estar distante.

Com cinco bilhões de habitantes, com regiões diferentes quanto ao estilo de desenvolvimento e modo de vida, o planeta Terra tende rapidamente a passar por sérios problemas de ordem ambiental, que irão implicar em problemas sociais. O consumo energético desenfreado e o sistema produtivo deficiente chegam a um nível tão alarmante que até mesmo uma das publicações mais conservadoras da imprensa norte-americana, a revista Time, alerta para o perigo do estilo de vida que os habitantes da Terra estão levando. Felizmente, é mais consolador sabermos que do berço consumista mundial há uma preocupação consciente sobre esse problema.

DEVASTAÇÃO ECOLÓGICA: Ocorre tanto a nível local como planetário, daí a sua característica como elemento que se distribui de maneira desigual nas diversas regiões do planeta. A gravidade e complexidade decorrem do fato de que vivemos em um sistema que assumiu características de Império. Essa grandiosidade despreza as próprias limitações políticas, econômicas, culturais e biológicas da humanidade. O que ocorre, há tempo, é a depreciação de recursos naturais de uma região menos desenvolvida em favor de uma área mais desenvolvida. A idéia de explorá-los a todo custo e de maneira imediatista provoca rapidamente sua depressão como fonte de riqueza. O guano peruano é um bom exemplo dessa prática, no século XIX, por parte dos países desenvolvidos. Ocorre hoje um processo de exportação de poluição do norte para o sul, do centro para a periferia mundial. Esse processo pode ser expresso pela entrada de indústrias sujas que estão invadindo os países menos desenvolvidos, entre eles o Brasil. Sob a bandeira do progress-

so, o Terceiro Mundo absorve esse tipo de exportação e passa a receber lixo atômico, químico e radioativo. Os dois grandes centros receptores desse lixo são chamados 'janelão do inferno', países da África e da América Central. Os países dessas regiões são os centros importadores de lixo. Há regiões que importam esse material, e o fato nem sempre é sabido. O Brasil, em 89, por

pouco não recebeu no porto de Santos um cargueiro soviético vindo de Roterdã trazendo lixo tóxico químico para reciclagem. A ação não se concretizou devido à ação contrária do Green Peace, impedindo a saída do navio da Holanda.

Quantas outras tentativas do mesmo caráter já não ocorreram no Brasil sem que saibamos?

Consciência e organização social

Dentro da problemática global da fome encontramos a problemática brasileira da fome, que requer uma revisão no modelo de desenvolvimento social e ecológico do país para que se possa iniciar uma melhora na situação. Não se pode pensar numa discussão que trata do desenvolvimento sócio-econômico sem se passar pelo desenvolvimento do ponto de vista ecológico.

Quando se pensa no fator ecológico no Brasil, surgem dois elementos ditos como principais: poluição e devastação da Amazônia. Deve-se atentar, como fator principal, para o nosso sistema produtivo, que é um autêntico esbanjador de energia, sem estar voltado para o ponto de vista da reciclagem de matérias-primas em virtude desse seu caráter pouco orientado para conservação de energia. É um sistema produtivo voltado para a produção em sua essência, e não para a sua durabilidade.

Esse é um sistema que vigora em todo o mundo. A intensidade, maior ou menor, de sua perversidade reside na capacidade de organização por parte de setores da sociedade em se questionar esse processo.

O que parece estar surgin-

do, felizmente, no Brasil é a mobilização de indivíduos e pequenos grupos no sentido de se organizarem e passarem a questionar certas estruturas existentes, exigindo melhor qualidade de vida, saneamento básico, saúde pública. Esse tipo de iniciativa vai fazendo com que amadureça, aos poucos, a capacidade de se organizar e criticar por parte da sociedade. É a desvalorização da crença de que o Estado é quem resolve todos os problemas da melhor maneira possível. Movimentos desse tipo são centros pulsos de idéias que se chocam com as idéias centralizadoras e quase que absolutas do Estado.

Assim, reafirmamos que o fator mais positivo desses movimentos que passam a surgir no Brasil é justamente a capacidade associativa que lhes são inerente. Com isso, abre-se um leque de idéias e possibilidades de ação que não passam pela grandiosidade de um Estado controlador, mas vem de pequenos grupos, de baixo para cima, em um processo que passa a despertar na sociedade a sua verdadeira capacidade de agir como elemento componente e ativo da nação.

Eduardo Viola